

MANUEL MURGUÍA

Textos tirados de:

-Discurso de Manuel Murguía nos Jogos Frorais de Tui, 1891

-Discurso del señor académico presidente

-Historia de Galicia III



Apdo.27, Tui
Tfne: 609309780
www.mdl-galiza.org

www.mdl-galiza.org



Manuel Murguía (1833-1923)



nº 2

1 Manuel Murguía, o historiador, o homem que avançou do "provincialismo" para o "regionalismo", é um referente inquestionável para a construção ideológica do nacionalismo galego. Poderíamos pensar, a priori, que um historiador como ele (que com traços românticos e essenciais procura nos seus estudos as raízes do povo galego numa suposta origem celta) procuraria também uma origem ou, no mínimo, um presente individualizador para a língua galega que desse validade à sua afirmação: "*língua diferente, diferente nacionalidade*".

Mas as leituras e a cultura do primeiro presidente da Academia Galega não lhe vão permitir ficar por aí; não se vai reduzir o de Arteixo, embora não seja linguista, a uma visão tão simples e redutora da questão.

No seu trabalho de historiador, os romances re-presentam para ele um objecto de estudo de grande valor, por manifestar-se neles a fixação da memória colectiva dum povo:

"[...] a alma do nosso povo, late, forte e pura, e

2 *sincera na composição popular [...]. Pois; olhai os romances portugueses e notareis que são como os nossos. [...]. Vêm dumas mesmas fontes nacionais, e são tão iguais na fala como nos sentimentos que expressam. As vezes até se completam.*"

Para ele, igualmente que nos romances galegos, nos romances portugueses, na memória colectiva do povo português está guardada a "alma" do povo galego, e está guardada na sua própria língua, pois Murguía assume a identidade linguística galego-portuguesa como algo óbvio, como se pode ver na sua resposta a "A. D. Juan Valera":

"Começa o Sr. Valera por assegurar uma verdade, [...] que o Português e o galego são uma mesma coisa. Descoberta notável! Por cá estamos fartos de o saber [...]."

Esta unidade não é para ele uma característica do passado mas uma realidade viva no presente:

"Uma e outra língua são totalmente a mesma nas suas origens, no seu desenvolvimento, nas suas condições."

E recorre à *Gramática de las lenguas románicas* de Diez para se justificar:

"[...] (a língua portuguesa) *tem por território Portugal e além disso a Galiza: o português e o galego são uma mesma língua.*"

Estabelecer esta identidade permitir-lhe-á dizer que o português não é outra coisa que o galego literário e que do outro lado do Minho a nossa língua goza duma normalidade de usos do seu nascimento até à época contemporânea:

"*Lembra-se-nos que o galego é o português, diz-se que no século XVI o galego se estacionou, e esquecem que no português da décimo sexta centúria, se escreveram Os Lusíadas. Com que ficamos então?*"

Continuando no desenvolvimento desta ideia, são muitas as referências que Murguía fez à literatura portuguesa para esclarecer que é nos seus escritores consagrados onde se encontra o modelo literário para a nossa língua:

"[...] *a língua que falou este povo durante mais de dez séculos, que é a que falam e entendem cerca de três milhões de galegos, dezoito milhões de habitantes de Portugal e dos seus domínios, doze do Brasil.*"

"*No outro lado do oceano onde alguns se comparam, erradamente, em minha opinião, em pôr o berço das nações do porvir, ouvir-se-á sempre a língua que falamos, que vamos esquecendo e que de novo terá a vida que merece, se é que temos a consciência dos deveres que por própria vontade nos impusemos. Na Ásia, na África, na mesma Oceania falar-se-á ao lado das outras que conhece o mundo europeu e dominador. Deus que nos castigou tanto, deu-nos esta glória.*"

Mas estando na origem desta expansão, Murguía vê ainda o galego, condicionado pelos factos históricos, como uma língua em formação que deve caminhar na direcção marcada pelo português, longe do influxo do castelhano:

"[...] *o nosso idioma [...] tem uma literatura representada pelos nomes gloriosos de Camões e Vieira, de Garret e de Herculano [...].*"

Portugal é para Murguía a garantia de supervivência do galego, que fica dentro das suas fronteiras nacionais protegido do imperialismo linguístico do castelhano pelo qual na Galiza se vê ameaçado:

"[...] *nunca, nunca, nunca, pagaremos aos nossos irmãos portugueses [...] que fizeram do nosso galego um idioma nacional. Mais afortunado que o provençal, encerrado na sua comarca, não morrerá.*"

Mas, além da conservação do galego no interior das fronteiras portuguesas, apresenta-nos Murguía no seu discurso um outro factor de grande importância que contribui para a supervivência da nossa língua, a lusofonia, a expansão intercontinental da língua portuguesa, que converte o galego numa valiosa ferramenta de comunicação internacional:

"*O galego encontra-se hoje, para dita sua, nas condições dum idioma em formação (eu acho que, umas mais do que outras, todas as línguas se encontram no mesmo caso), pois, em definitiva, são por essência aquelas que não foram ainda fixadas pela cultura literária. Por fortuna o português chegou já a este ponto e pode servir-nos para contrastar as formas usadas novamente pelos que já as usaram num princípio.*"

O seu primeiro presidente reserva-lhe esta importante empresa à Academia Galega, instituição hoje tão afastada dos objectivos para os quais foi criada:

"*Não pode perecer um idioma que tem uma literatura gloriosa, e nomes que são orgulho da inteligência humana [em referência à literatura portuguesa]. Por isso, e para recolher em Galiza o seu verdadeiro léxico, dar a conhecer a sua gramática e afirmar a sua existência, fundou-se esta Academia.*"